

EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO MÉDIO - QUE CORPO É ESSE QUE HABITA A ESCOLA?

Eugênia Maria Gregorio Pereira¹
Antônio de Pádua dos Santos²

INTRODUÇÃO

A Educação Física passa por mais um momento, dentre tantos na sua história de efetivação na educação básica, de ressignificação do seu papel/espço na escola diante de uma reforma nas diretrizes que regulam a educação e que consideraram a possibilidade de uma Educação Física opcional, ou ofertada através de atividades extra-curriculares.

O Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) é para nós – alunos do mestrado e docentes em atuação – uma oportunidade de formação continuada, de preenchimento de algumas lacunas deixadas pela formação inicial, e principalmente, de renovação das energias para enfrentar um momento político desafiador para nós educadores que lidamos com o corpo em movimento dentro de uma escola com modelo tradicional, rígido. Dentre as disciplinas ofertadas, a de Educação Física no Ensino Médio servirá de base para esse relato, onde trataremos as discussões realizadas e as possibilidades que vislumbramos para uma Educação Física de corpos livres e respeitados na sua individualidade.

MESTRADO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO MÉDIO

A formação inicial ainda é apontada como insuficiente, por grande parte dos profissionais da educação, para lidarmos com a realidade da educação brasileira. Os programas de mestrado surgem então como uma possibilidade de aprofundamento dos conhecimentos, e especificamente, os programas de mestrado profissional aproximam mais esses conhecimentos produzidos da realidade com o qual nós, docentes em atuação nas escolas, lidamos cotidianamente.

“ENTRE LE MURS”: A FICÇÃO RETRATA A REALIDADE

Uma das atividades da disciplina foi sobre o filme “Entre le Murs” – Entre os muros da escola, um drama lançado em 2008, de direção de Laurent Cantet.

O filme retrata a realidade de uma escola francesa, que tem como público alunos de perfil sócio-econômico de baixo poder aquisitivo, descendentes de africanos ou de países de domínio francês; com problemas estruturais na família e apresentando comportamentos muitas vezes agressivos e desrespeitosos. Os jovens discentes são das mais variadas etnias e culturas (franceses, africanos, asiáticos e portugueses), acarretando em um ambiente multicultural que deverá ser regido da melhor forma possível pelos docentes.

Ao relacionar o filme com a realidade brasileira percebemos a existência de relações e nexos da realidade do filme com a realidade da escola brasileira, pois, em ambos os contextos existem uma grande variedade de sujeitos com suas especificidades em um único ambiente.

¹ Mestranda do ProEf da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, eugenia1808@gmail.com;

² Doutor do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, paduasant@gmail.com.

No filme existem alunos de várias culturas e países com diferentes características e visões de mundo, fato que também existe na escola brasileira, no qual há uma infindável variedade de sujeitos que possuem religiões, classes sociais, perspectivas de vida e estruturas familiares diferentes, e que devem conviver no mesmo espaço, tentando aprender juntos. Uma cena do filme que também se refere a realidade brasileira é quando o irmão mais velho de um aluno é que fica responsável por acompanhar o desempenho escolar do seu irmão, realidade esta muito comum de se presenciar nas escolas públicas brasileiras, pois em muitas famílias os pais passam o dia trabalhando e não acompanham a vida escolar dos filhos mais novos.

No filme o professor protagonista trata do conhecimento científico tentando estabelecer uma relação entre esse conhecimento e a realidade dos alunos. Realiza atividade em que os alunos precisam trabalhar a oralidade e com isso desenvolver o conteúdo da disciplina, que no caso do filme é a língua materna deles: francês. Os alunos questionam porque aprender aquilo, para que, quem ainda fala ou escreve daquela forma, e o professor segue tentando explicar para que faça sentido os alunos aprenderem aquilo. Ensinar conceitos mais científicos para os alunos partindo dos conhecimentos prévios e da realidade dos discentes é um fato muito importante, pois faz com que o aluno estabeleça relações entre os conteúdos e sua vida particular e profissional. No entanto, o que se pode criticar na metodologia do professor é sempre estar buscando um enfrentamento com seus alunos, atitude que não se mostrou eficaz, pois os alunos revidavam estas atitudes mais ríspidas do professor, transformando a aula em um local de grandes tensões.

Atuar na educação brasileira em dias atuais é algo complexo, desafiador, e em alguns casos, desestimulante. Sim, o professor deve conhecer a realidade de seus alunos, porém com a carga horária exaustiva que temos com atividades em sala, turmas com excessivo número de alunos, carga horária toda dedicada à sala de aula, sem projetos de diretor de turma, com poucas reuniões de pais, alunos e mestres e sem participação efetiva, impossibilita pensar numa realidade diferente da que encontramos. Porém, é essencial que nós - professores, gestores, pais e toda comunidade escolar, vejamos a escola como esse espaço de construção e transformação, mas o sistema é extremamente tradicional, avalia questões cognitivas e não inclui aspectos atitudinais, sociais, artísticos, e qualquer outras manifestações de aprendizado e crescimento dos jovens alunos; transformando quase em utopia pensar em uma escola que aprecie essas manifestações.

JOVENS, ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO FÍSICA: APROFUNDANDO COMPREENSÕES SOBRE JUVENTUDES.

Pensar a escola como espaço de produção de conhecimento, com sujeitos ativos no processo e ultrapassar o discurso e tornar viva as palavras apresentadas nos planejamentos. Deve-se dar o devido lugar de destaque e de sujeito participante ativo ao aluno que é para quem os objetivos da escola apontam, e com esse espaço de construção coletiva fazer acontecer a interdisciplinaridade, a formação holística, voltada para a cidadania, para a autonomia. O Projeto Político Pedagógico da escola deve ser pensado a partir dos documentos que regem a educação brasileira, mas ter autonomia para compreender a realidade na qual a instituição está inserida; e deve ser construído coletivamente por todos os sujeitos envolvidos no ambiente escolar, tornando gestores, professores, alunos, pais e comunidade em geral, comprometidos com os objetivos e metas projetadas, porque deve-se partir do princípio de quê: quando eu participo da elaboração eu me sinto convidado a participar da execução.

Um dos caminhos para superar esse distanciamento entre o que deveria ser e o que realmente é passa por desenvolver alternativas para que os jovens estudantes de ensino médio passem a perceber a escola como um local de aprendizagens efetivas e significantes para a vida deles. Uma das primeiras formas de integrar os estudantes é conhecer a realidade destes

jovens, o local onde vivem, o que anseiam para suas vidas e as carências que encontram na escola e na sua comunidade. Todo esse diagnóstico poderá ser usado para montar o Projeto Político Pedagógico da escola, que deverá desde a sua concepção integrar a comunidade escolar e principalmente os jovens na construção das diretrizes escolares.

Por fim, acredito que é importante os professores serem mais abertos ao diálogo com os alunos, procurando atentar-se aos aspectos atitudinais e emocionais dos discentes, não que devamos ser psicólogos, mas devemos ser mais presentes, não se importando somente com provas, conteúdos e avaliações.

Outra atividade proposta pela disciplina foi realizar uma pesquisa com os alunos, utilizamos então um questionário socioantropológico e uma das perguntas era o que eles gostariam de ter um pouco mais na vida, e a grande maioria respondeu: mais tempo para fazer o que gosto – se formos pensar que esse aluno passa boa parte do seu tempo na escola, em deslocamento para a escola e para casa e estudando as atividades passadas para casa podemos imaginar que estudar não seja algo elencado como gosto/escolha/opção, mas uma obrigação imposta; oportunidades de trabalho e aprendizagem, dinheiro – aqui podemos ver a influência capitalista da necessidade do consumo fazendo os jovens já visualizarem o aprendizado voltado para o trabalho e querendo ter mais oportunidades de aprendizagem que o direcione a algum tipo de trabalho, o que talvez eles não enxerguem na escola; mais atenção/carinho dos pais e mais espaço de fala e escuta, ser mais ouvido - fica clara a necessidade de espaços de escuta ativa, onde o jovem seja levado a sério, as suas necessidades e anseios encontrem lugar de compreensão, de afeto, de cuidado, de orientação.

Em relação ao que eles entendem como objetivo da Educação Física na escola, os jovens citaram o aprendizado/prática de diversas modalidades esportivas e atividades físicas variadas, porém o que mais nos chamou a atenção foram as citações sobre desenvolver a socialização dos alunos nas aulas e proporcionar mais aulas práticas, já que na escola em que estudam é somente uma aula semanal e às vezes precisa ser em sala de aula.

Se a Educação Física tem como finalidade o aprendizado para a autonomia, a responsabilidade, a criticidade, vivendo sua corporeidade e compreendendo o que é saúde, qualidade de vida, lazer, convivência; é preciso ouvir esse ser de subjetividades e construir o plano de ação pautado nas características – potencialidades, limitações, necessidades, anseios – desse ser que habita e dá vida a escola: o discente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que um diálogo com os alunos seja o modo mais eficaz de se pensar a Educação Física efetiva na escola, com participação coletiva de professores e alunos no seu planejamento, possibilitando assim, mais envolvimento e engajamento. Acredito que o grande objetivo da educação física seja a construção de conhecimento através das diversas manifestações da cultura corporal de movimento; então existe um corpo que se manifesta, que se comunica, que tem suas individualidades, suas experiências, e precisa ser escutado, precisa ter seu espaço de participação efetiva.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Médio; Juventude Escolar.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez Tarcísio; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. IN: DAYRELL, Juarez Tarcísio; CARRANO, Paulo

Cesar Rodrigues; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. P. 101 – 133.

MELO, José Pereira de; MOREIRA, Evando Carlos. O corpo como rascunho na adolescência: contribuições para a Educação Física Escolar no Ensino Médio. In: FRANCO, Marcel Alves et. al. Corpo, Cultura e Educação Física. Natal: SEDIS – UFRN, 2018.

MELO, Luciana Milagres de Melo; SOUZA, Gilmara Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Escola e juventude: uma relação possível? Paidéia, Belo Horizonte, ano 9, n.12, p. 161-186, jan./jun. 2012.